

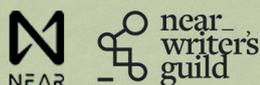
Oficina. Escrita Teatral

com Elias Pintanel e Johnny Faustino

I Diário de Bordo



Apoio



Realização



SUMÁRIO

DIÁRIO DE BORDO

1º encontro	p. 3
2º encontro	p. 14
3º encontro	p. 21

AUTORES

Ana Carolina Martines	p. 17
Elias Pintanel	p. 11, 19 e 25
Guilherme Amorim	p. 4
Johnny Faustino	p. 7
Luan Oliveira da Silva	p. 22
Rafael Jeronimo	p. 15 e 22

INTRODUÇÃO

A presente publicação é resultado da oficina de *Escrita Teatral*, realizada pela Associação Teatral Notívagos Burlescos de Botucatu, São Paulo, Brasil. As atividades foram orientadas por Elias Pintanel e Johnny Faustino, membros da Associação. A finalidade deste material é divulgar os exercícios realizados e textos produzidos pelos participantes ao longo dos 3 encontros de escrita, que ocorreram entre os meses de junho e julho de 2022, no GARAGE – Espaço de Cultura.

A oficina foi realizada gratuitamente para a comunidade, tendo seus participantes ingressado através de uma chamada pública, alcançando um total de 12 inscritos, mas com a presença efetiva de 5 participantes. Ao todo foram 12 horas de atividades, sendo distribuídas em 3 encontros de 3 horas, destinados à escrita; e 1 encontro de 3 horas para a leitura dramática pública dos textos produzidos. Todas as atividades ocorreram no GARAGE – Espaço de Cultura.

Os orientadores se concentraram em abordar conceitos da dramaturgia clássica, como: conflito teatral, situações dramáticas, criação de personagens, estilos de escrita e estética teatral. Os encontros foram teórico/ práticos, com exposição de fundamentos teóricos, leitura e análise de clássicos teatrais, e redação de textos para teatro.

Esperamos que a divulgação do conteúdo das aulas e seus resultados possam auxiliar outros escritores e orientadores em suas próprias atividades e, desta forma, contribuir com o fomento de práticas similares em outras localidades.

▶ Roda de apresentação: jogo de apresentação dos participantes.

▶ **Leitura de textos teatrais:** Organizamos os participantes em roda. Disponibilizamos vários textos dramáticos ao centro dessa roda, para que cada pessoa pudesse escolher um deles para folea-lo um pouco tentando analisar as suas estruturas de escrita. O objetivo aqui é falar sobre características de textos dramáticos, que o torna diferente da estrutura clássica usada em textos épicos e líricos. Assim a conversa se desenvolve a partir de elementos textuais, como: rubricas, descrição de cenários, de figurinos, de personagens, diálogos, divisão em atos, estéticas, etc.; e também de elementos de encenação: atores, luz, cenário, público, etc. Vemos assim que escrever para teatro é escrever textos que serão encenados, ditos em voz alta, que serão interpretados.

▶ **Exposição teórica:** Fizemos uma explanação sobre os elementos clássicos do teatro: três unidades (tempo, ação e espaço), conflito, diálogo, personagem.

▶ Avaliamos as considerações de Augusto Boal sobre as 4 leis Hegelianas na dramaturgia teatral.

▶ Por fim, apresentamos as 36 situações dramáticas de Polti e falamos um pouco sobre elas e de peças de teatro ou filmes que se utilizam de cada situação.

EXERCÍCIO #1

▶ Em roda, cada participante deve contar uma história que viveu ou que conhece e que contenha um conflito explícito.

▶ Cada participante então sorteia uma das situações dramáticas e deve escrever uma cena teatral adaptando uma das histórias escutadas anteriormente na roda à situação dramática sorteada. O participante pode usar a história escutada em si ou usar as histórias como inspiração. Deve ser escrito o texto em 15 minutos.

▶ Cada escritor(a) apresenta a sua situação dramática sorteada e realiza a leitura da cena. Todos analisam e comentam sobre o texto.

Os participantes devem terminar os textos em casa e trazer no próximo encontro.

O SONHO DE LÍVIA

Guilherme Amorim

Personagens

Pai

Mãe

Lívia

Lívia é uma jovem adulta que acabara de sair do ensino médio; com histórico de estar se vendendo nos fins de aulas. Sempre balança os ombros no fim de uma frase. Sua mãe é uma mulher religiosa e estressada que ainda está se policiando para parar de falar palavrão e a cada palavrão ela dá três tapinhas na boca e de mãos juntas ela leva pro céu pedindo perdão. Seu pai é um bêbado rabugento que não tira os pés do lugar e se consegue é com muito esforço, mas sempre se equilibrando numa corda bamba imaginária.

(Lívia exclama saindo do carro esportivo de Geraldo.)

LÍVIA

Espere dentro do carro. Se eles concordarem eu te chamo pra o senhor os conhecer melhor.

(Já na sala da casa.)

LÍVIA

(Pensando alto.) Não acredito nisso! Eu sou muito gostosa! Isso que nem me comeu... Mas que homem! Que loucura, meu Deus, minha nossa senhora! Só de me imaginar naquele carro fazendo tour por todos os cantos onde nos caiba. Ui só de imaginar... ai ai ai, não posso imaginar, não pode.

(Tirando os sapatos e colocando a bolsa na

mesa.)

LÍVIA

O que será que mainha está fazendo? Estou faminta!

LÍVIA

Mãe...

(Ouvindo hino da harpa cristã e cantando na mesma altura. A ignora.)

LÍVIA

Mãe...

(Cochichando na cozinha a mãe solta.)

MÃE

Além de ser pobre tenho de escutar os outros falando que meu filho dá a bunda, mas ninguém paga uma conta minha.

(Lívia desliga o dvd. A mãe vai até a sala. Entra a mãe com o pano de prato no ombro.)

MÃE

Mas que merda Lívia! Você sabe bem que eu já não tenho paciência e você vem me tirar a paz... que inferno Lívia. Quer comer? Não tá pronto! Quer o que?... e coloca meu hino de volta vai!

LÍVIA

Você não vai acreditar...

MÃE

Ganhou na loteria? Encontrou ouro? Tem um emprego de verdade? O que é você está aprontando, Leonardo?

LÍVIA

Não é nada disso... E mais: eu sou Lívia! Sou mais bonita assim, e justamente por isso venho te falar o que consegui, sendo quem sou!

MÃE

Que você dá mais que xuxu na cerca eu sei. Acabei de voltar da lotérica. Paguei a mais atrasada das contas com o dinheiro que Juninho trouxe. Só não te quebro no meio, pois é a única que faz alguma coisa pra pagar o aluguel! Seu pai, aquele vagabundo, diz que o diabo morreu e foi ver se seu nome está no testamento.

LÍVIA

Chega, chega. Não aguento mais te ouvir. E outra dar de graça R\$300,00 a hora me faz ter náuseas. A boa, minha mãe, é que você tem um emprego agora!

MÃE

Meu fi... minha filha linda, mais que boa notícia! Fala mais, fala mais!

LÍVIA

Não só a senhora, mas meu pai também! A partir de amanhã vão ter de aprender a costurar!

MÃE

Costurar eu já sei, o problema é seu pai. E nem sei se já não está no bar essas horas... Mas o que é isso? Onde você arrumou?

LÍVIA

Se eu te falar que eu tenho um bofe bravo agora...

MÃE

Moleque veja bem onde você tá me enfiando!

LÍVIA

Minha mãe... esse nem me tocou. Quer que eu estude.

MÃE

Estudar? Saiu do ensino médio mais burro que nunca. Era menino homem, agora vem com essa “sou mais bonita assim”.

LÍVIA

Estudar! Vou ser jornalista! Ele diz que eu tenho vocação para a área.

MÃE

(Gargalhando.) Muito boa essa ai...

(Lívia e mãe ficam em contracenena com o pai, que está chegando do lado de fora.)

PAI

Oh, marvada pinga que me atrapalha... Aqui memo eu bebu aqui memu eu caiu... ih... Aqui não! Aqui não é uma boa ideia! Minha muié... Nem falei direito nela, oxi, e já tô ouvindo ela gritar... Ah... Já tô em casa.

(Pai entra na sala caindo em piruetas e a todo momento se balançando como tonto.)

PAI

Mas... que bagun...ça é... es...sa aqui?

MÃE

Putaque pariu, mas que merda! De novo, mas de novo? Não dá pra mim! *(Bate nele com o pano de prato.)* Sai, sai da minha vida!

PAI

Calma, meu amor, eu... tenho... uma boa notícia!

MÃE

Ownt meu xuxusinho! Fala vai que seu nome está lá no...

PAI

Não, não... eu ganhei no truco!

MÃE

Desgraça! Você me paga, que ódio! *(Des-sa vez bate nele até o derrubar e termina com um chute.)*

LÍVIA

Chega, chega! Vocês são loucos! Não vai dar pra trabalharem juntos desse jeito. Que cara eu faço depois que ele conhecer vocês?

PAI

De quem você está falando?

MÃE

Enquanto você está lá bebendo, gastando dinheiro que não tem, Leo... Lívia, tem emprego para nós! Se for verdade, pois até agora não sei onde é!

LÍVIA

Pano Fino!

PAI

Eu... eu não vou trabalhar como um viado, numa empresa de viado, onde só tem viado!

MÃE

Vagabundo! Vai sim e ai de você soltar uma dessas lá. Pano Fino? E ele é gay? O dono da Pano Fino é gay?

LÍVIA

Eu não disse nada! Ele gostou da minha pessoa e por isso quer dar essa oportunidade para nós.

PAI

Eu mal posso sair, que já vem lorota de toda parte quando chego!

MÃE

Cala a boca, imundícia! Fala, minha filha, fala!

PAI

Filho! Eu tenho um filho e o nome dele é Leonardo!

MÃE

Você só fala merda. Fica quieto!

LÍVIA

Vou estudar jornalismo!

PAI

Ih... E quem é que vai pagar? Eu não tenho dinheiro!

LÍVIA

Dinheiro? Geraldo, tem!

PAI

Ele tá te comendo, por acaso?

LÍVIA

Ainda não. Mas quem me dera!

FIM.

O RESTAURANTE

Johnny Faustino

Personagens

Sr. F (dono do restaurante)

Sr. B (amigo de **Sr. F**)

K (rapaz do tráfico)

A cena se passa em um restaurante de comida caseira na periferia da cidade, que funciona no almoço e no jantar. Seus clientes basicamente são os moradores do bairro. É um negócio familiar administrado a anos por Sr. F, que usou todas as suas economias para comprar o local quando vieram do Ceará, tendo o erguido a partir da venda de pinga e pão. Lá trabalham sua esposa, sobrinho e filha - que está ausente a algum tempo -, no geral, todos fazem um pouco de tudo e são muito cordiais com os clientes, afinal, a maioria é conhecido. É hora do jantar. Uma noite comum. O restaurante está vazio. Sr. F está limpando uma mesa vazia com os pratos sujos de um casal que acabou de sair. A está atrás da caixa registradora mexendo no celular enquanto Sra. L lava alguns copos na cozinha. Ouvimos o sino da porta. Entra Sr. B. Cumprimenta a todos brincando, mas com certa solemnidade. Senta-se em uma mesa. Sr. F termina de levar os pratos a cozinha e vai atender Sr. B.

SR. B

Como você está, meu amigo?

SR. F

(Suspira.) Levando... O que vai ser hoje? O de sempre? Costela com fritas?

SR. B

Até o último porco a ser abatido nesse mundo!

(Riem. Sr. F repassa o pedido para a esposa. Senta-se na mesa com o amigo.)

SR. B

Achei que nem fossem mais voltar a abrir... Já estava procurando a receita de costela da **Sra. L** na internet, pra ver se minha esposa conseguia fazer igual.

SR. F

Voltamos desde semana passada. Você que demorou pra aparecer. Mais um pouco pegava fechado de novo.

(Riem. Silêncio.)

SR. B

Fiquei sabendo que tu andou fazendo algumas perguntas pelo bairro... Achou quem tava procurando?

SR. F

Nada. Parece que tá dando um tempo aqui da vizinhança. Pelo menos descobri bastante coisa...

SR. B

E o que descobriu ajuda?

SR. F

Ajuda a saber quantos calcanhares tem Aquiles. Mas, infelizmente, nada que possa ser feito a mãos limpas.

SR. B

Sei... Como quase tudo nesse lugar....

(Silêncio.)

SR. B

E a menina? Melhor?

SR. F

Não sei se podemos dizer isso, mas: sim. Ainda tá meio amuada.

SR. B

Imagino. Situação difícil... No seu lugar nem sei o que faria. Quando minha esposa contou o que tinha acontecido, apesar de não ter filhas, me coloquei no lugar. Fiquei indignado.

SR. F

Pois é. A revolta permanece, cabra. Mas estamos tentando seguir em frente. Só a menina que, vez por outra, tem umas crises de choro. Quem não teria, né. Até eu tenho. Mas isso eu faço escondido. Já não basta a menina e a mulher... se eu amuar também todo mundo morre de fome.

SR. B

Esses dias eu tava conversando com os moleques do fim da rua. Eles disseram que é só você pedir que eles resolvem isso...

SR. F

(Interrompendo.) E ficar na mão desses vagabundos pro resto da vida? Os meus problemas eu resolvo sozinho. E outra, fomos na polícia e eles nem deram bola. Pelo contrário, falaram uns absurdos. Fiquei em ponto de roçar a pexeira em um. Se eles que deviam proteger a menina não querem, então, eu mesmo vou proteger a minha filha.

SR. B

Ao menos tu não suja a mão homem...

SR. F

Mas suja o sossego.

(Sra. L leva o prato de Sr. B, que fala alguma coisa descontraída. O sino da porta toca. Entra K. Todos param e o olham. K vai até A no caixa e faz seu pedido. Senta-se em uma das mesas vazias próxima da porta.)

SR. B

Corajoso esse rapaz.

SR. F

Abusado, isso sim. Vou lá.

SR. B

Não vai fazer besteira, hein.

(Sra. L volta para a cozinha visivelmente perturbada. Sr. F pega o pedido no caixa, olha e passa para a esposa na cozinha. Pega um pote de salsichas em conservas de uma prateleira e coloca em um prato. Leva o prato até a mesa de K. Durante o restante da cena Sr. B passará comendo a costela.)

SR. F

(Entregando o prato junto com os talheres.) Tu não devia tá aqui, cabra.

K

(Dando uma garfada em uma das salsichas. Durante toda a cena conversa com a boca cheia) Ué, coroa, aqui não é um restaurante? Vim pra comer.

SR. F

Só tô te servindo porque quero ter uma palavrinha contigo, antes de te botar correndo pra fora.

K

(Tocando a cintura como gesto de possuir uma arma) Se tu acha que pode.

SR. F

(Sentando-se.) Tu não tem escrúpulo mesmo... Vir aqui me ameaçar. Depois do que fez... Pra que vir fazer mais desaforo?

K

Vim ver como a B tava. Mas pelo vista não tá por aqui.

SR. F

E não vai tá por aqui tão cedo. Pra não topar contigo de novo. O que acredito que você não vai querer arriscar outras vezes, por que já já ligo pro pessoal aqui da rua e ai vou querer ver se tu banca o valente com eles também.

K

Se ela mudar a história dela não vou precisar ter medo de ninguém.

SR. F

(*Exaltado.*) Mudar que história rapaz. Tu abusou dela. Essa é a história!

K

Isso é o que ela tá contando por ai. Porque a verdade é que a gente tava era matando a saudade.

SR. F

Matando a saudade o caralho! Tu veio aqui no dia que a gente tava no culto, porque sabia que ela ia tá sozinha fechando a loja. E mesmo ela negando tu pegou ela a força. Tá tudo gravado. Tu imagina? Imagina o que é ter filmado o estupro da própria filha?

K

Não é estupro quando se é namorado.

SR. F

Cês já tinham terminado! Ela deixou isso bem claro várias vezes.

K

É nada! E as vezes que ela saiu comigo? Isso ela finge que não lembra, né?

SR. F

Ela tinha medo de tu, cabra. Tinha medo de contar pra gente o que tava acontecendo. De contar que tu ficava cercando ela na rua, insistindo pra voltar com ela...

K

(*Interrompe com uma risada.*) Tá vendo. Tu mesmo sabe que ela cedia comigo.

SR. F

Tu ameaçava ela. Qualquer mulher teria medo.

K

Ameaçava nada. Só lembrava ela dos bons momentos que a gente tinha passado, das ondas que a gente curti junto. E olha que a gente curtiu bastante, até vocês começarem a embaçar na fita. Ai ela ficou com medo porque vocês enfiaram essas ideias de igreja na cabeça dela. Começou a pensar que ia perder a tal terra prometida.

SR. F

Tu não passa de um canalha, como o resto dessa corja que fica na rua o dia todo vendendo droga.

K

(*Rindo.*) E é dos canalhas mesmo que essas santinhas do cu quente gostam.

SR. F

(Pegando a faca e o puxando pela camiseta.)
Tu não me zomba não, cabra. Porque a coisa que eu mais queria era passar a faca nessa garganta asquerosa. Tu acha que é quem pra ficar insultando a minha família? Tá aí com essa marra toda, mas nem andar na vila a luz do dia pode mais, porque nem os ratos aceitam o que você fez. *(Empurra K de volta para o assento.)*

K
(Se ajeita, dá um leve sorriso e pega mais uma salsicha do prato.) Nessa terra, coroa, a gente só tem o que quer tomando. Você quer me ver com formiga na boca, mas nem tem coragem de fazer o serviço. Só que logo logo você vai ver que essa história que ela tem contado é só pra disbaratinar.

SR. F
Você não cansa de contar mentira não? Do que que você tá falando agora?

K
Que mentira que nada. A verdade é que ela é doida pra fugir comigo.

SR. F
(Levantando-se.) Olha, quer saber: fora! Chega!

(K ri novamente, enquanto se levanta para ir embora. Repentinamente começa a tossir, vemos por seus gestos que está engasgado. Vai até o Sr. F em busca de auxílio, esse nem mesmo lhe toca. Aos poucos vai ficando asfíxiado. Sr. B levanta-se de sua mesa e vai em direção a K, mas Sr. F o detém. Sua esposa e A, também demonstram apreensão. Entretanto se detém ao olhar repreensivo de Sr. F. Todos ficam olhando o rapaz sufocar. Até finalmente parar de agonizar. Sr. F vai até o caixa.)

SR. F

(Para A) Me passa o telefone, menino. *(Discando, mas ainda para A.)* Pode ir pra casa, pode deixar que eu fecho. *(Ao telefone.)* Alô, Samu? Tem um rapaz aqui no meu restaurante que eu acho que tá passando mal...

FIM.

A CRUZ REUMÁTICA

PEÇA CURTA E CRUEL (CENA 1)

Elias Pintanel

Personagens

Narrador

Padre

Senhora Ana

Irmã Eliete

NARRADOR

(Vestido como um coroinha de igreja católica.)

Boa noite! Espero que vocês estejam bem. Espero que estejam realmente bem e preparados para a história a seguir. Ela é dividida em partes, como muitas de suas vítimas. Sim, estou falando de crimes, de mortes, de muito mistério, de fé e de hóstias. Vamos devagar, para todos poderem acompanhar. A história começa com o relato da Senhora Ana, uma vizinha de seus mais de 70 anos. Oitenta na verdade, mas isso não transparece pela ótima pele que ela tem. Isso devido a uma boa alimentação, exercícios diários, enfim, seguimos com o que de fato é necessário. Seu marido de décadas, seu Antônio, homem forte, sempre trabalhou, “grande saúde, morrerá bem velho”, diziam. Vejam, entre uma dose de cachaça e um punhado de torresmo, Seu Antônio bateu a testa na mesa do boteco e diante de todo mundo que estava no bar aquele dia, enfim bateu as botas. Na hora do enterro a Senhora Ana, estava lá chorando pelo falecido ao lado

de seus filhos, até que chegou no velório outras pessoas, então desconhecidas para Senhora Ana. Eram também seus filhos. De outro casamento. Isso mesmo! Seu Antônio tinha uma amante em segredo. E nosso começo de história não termina por aqui. Seu Antônio enterrou a falecida amante, que tinha então morrido antes do que ele, no jazido que seria de sua esposa: a Senhora Ana. Confuso? Irreal? Nem tanto. Senhora Ana, a vizinha, não parou por aqui e foi buscar ajuda. Foi direto na igreja do bairro. Direto a pequena seita feita por dois velinhos da igreja, o Padre Pablo e a Irmã Eliete. A seita chamada: “A Cruz Reumática”, formada para salvar velhinhas indefesas. E aqui que nossa história começa.

CENA “A CAÇA CONTINUA”

Escritório de uma igreja. Vemos vários elementos cristãos e católicos no espaço. Padre Pablo, ele tem em torno de 80 anos, limpa seu sapato, enquanto está no telefone.

PADRE PABLO

Ok, Ok, ainda bem que tudo deu certo. Estamos no caminho certo, no caminho da verdade e do bem. Sim... Há o tempo de colher e o tempo de semear. Ou de enterrar mesmo! *(Ri malicioso.)* Sim, sim, eu entendo. Bom, tenho ainda que ver minhas passagens para Itália. Isso... Esse assunto talvez se resolva mais para frente. Fique tranquilo. Que Deus te abençoe! Amém!

(Senhora Ana, a velhinha lá da narração inicial, entra no escritório.)

SENHORA ANA

Senhor.

PADRE PABLO

Ele está no meio de nós!

SENHORA ANA

Amém.

PADRE PABLO

Soube do que aconteceu com seu marido e a história da tal amante enterrada no lugar que deveria ser o seu.

SENHORA ANA

Enterrada na gaveta que deveria ser minha! *(Chorando.)* Minha gaveta!

PADRE PABLO

Calma, minha filha. Muita aflição no coração. Isso não te faz bem.

SENHORA ANA

Isso, Padre. Obrigado. Estou aqui depois de muito pensar. O senhor disse que eu poderia vir aqui e pedir a ajuda necessária.

PADRE PABLO

Deus age certo por linhas certas, minha filha. Estou aqui para fazer os desígnios dele acontecerem.

SENHORA ANA

Amém. *(Beija as mãos do Padre.)* Como já havia te adiantado...

PADRE PABLO

Claro! *(Vai até o telefone.)* Irmã Eliete, por favor, venha até aqui.

SENHORA ANA

Tenho medo, Padre.

PADRE PABLO

Deus é mais, filha.

(Entra em cena Irmã Eliete. Ela tem, assim como Senhora Ana, mais de 70 anos. Ela parece ser mais forte do que aparenta ser, pelo seu modo de andar que lembra um pouco um jogador de rúgbi aposentado.)

IRMÃ ELIETE

Senhor!

SENHORA ANA E PADRE PABLO

Ele está no meio de nós!

IRMÃ ELIETE

Amém!

PADRE PABLO

Irmã Eliete, a irmã Ana precisa de ajuda. Descobrimos que seu Antônio tinha uma amante que foi enterrada no túmulo que seria da irmã Ana...

SENHORA ANA

No meu túmulo!

IRMÃ ELIETE

É um cúmulo!

SENHORA ANA

Serial! Se aquele filho da puta...

PADRE PABLO

Por favor, estamos na casa de Deus...

SENHORA ANA

Desculpa, senhor.

PADRE PABLO E IRMÃ ELIETE

Ele está no meio de nós!

SENHORA ANA

Amém! Desculpa, que ele a enterrou no meu lugar! No meu lugar, irmã Eliete!

IRMÃ ELIETE

Saquei! Então tenho que desovar o corpo dela. Abrir espaço para ela aí...

PADRE PABLO

Não!

IRMÃ ELIETE

Não?

SENHORA ANA

Não.

IRMÃ ELIETE

O que é então?

(Padre Pablo estala o dedo a Senhora Ana. Esta pega dentro de sua bolsa dois envelopes grandes. Um com dinheiro dentro que Padre Pablo guarda uma parte para si e dá a outra para Irmã Eliete. O segundo envelope tem um pedaço de papel que o Padre Pablo passa para a Irmã Eliete.)

PADRE PABLO

Rosana Luz.

IRMÃ ELIETE

Rosana Luz, 70 anos, Perdeneiras, Campo Limpo.

SENHORA ANA

É ela!

IRMÃ ELIETE

Quem é?

PADRE PABLO

A outra.

IRMÃ ELIETE

Mas ela não está enterrada?

PADRE PABLO

Quem está enterrada é Jussara Aparecida. Rosana é...

SENHORA ANA

A outra amante do cachorro!

IRMÃ ELIETE

Outra?

PADRE PABLO

Mas graças a Deus e a seus trabalhos não será mais.

SENHORA ANA

Amém.

IRMÃ ELIETE

Missão dada é missão cumprida.

PADRE PABLO

Amém.

IRMÃ ELIETE

Deus é mais!

FIM DA PRIMEIRA CENA.

- ▶ Roda de leitura dos textos produzidos em casa a partir do encontro anterior.
- ▶ Impressões e apontamentos do que foi lido.
- ▶ Realizamos uma roda de conversa que teve como ponto de partida, para entendimento da construção de narrativas clássicas, os conceitos de Joseph Campbell sobre A Jornada do Herói. Refletimos sobre os diversos recursos que oferece à escrita, como as etapas pela qual um protagonista passa dentro de uma narrativa e a aparição de personagens que auxiliam ou dificultam a trajetória desse protagonista.
- ▶ Em seguida buscamos identificar, junto com os participantes, histórias e peças teatrais contemporâneas onde os conflitos dos personagens pudessem ser tanto externos (outros personagens, estruturas sociais, etc) como internos (problemas pessoais, psicológicos, emocionais, etc).
- ▶ “O que é monólogo?”: Falamos sobre o monólogo como estrutura contemporânea da produção teatral nos últimos anos e que os exercícios a seguir seriam uma produção de um monólogo.

EXERCÍCIO #2

- ▶ **1ª Etapa:** Criar uma sinopse de uma peça de teatro, pensando que essa estaria exposta na banca de um aeroporto ou rodoviária. Então deveria ter poucas linhas e aguçar a curiosidade do possível leitor. Os participantes poderia fazer as sinopses a partir das cenas já escritas ou inventar novas histórias.
- ▶ Leitura das sinopses e roda de comentários e análises.
- ▶ **2ª Etapa:** Os participantes agora teriam 15 minutos para escrever um monólogo de um personagem da história descrita na sinopse. Entretanto, a cada cinco minutos os participantes sorteariam uma palavra de uma caixa preparada previamente pelos oficineiros. Dentro dessa caixa há várias palavras: raiva, castelo, amor, morte, lua, bebida, rua, dinheiro, paixão, doença, justiça, fantasma, etc. Ao pegar uma palavra, o autor, deveria coloca-la de alguma forma no seu texto, fosse a palavra em si ou as imagens que essa ela suscitava para o(a) escritor(a).
- ▶ As duas primeiras palavras sorteadas foram individuais e exclusivas, já a terceira era sorteadas pelo oficineiro e era coletiva.
- ▶ Leitura dos textos produzidos fazendo conexões com a ideia de imagens evocativas.

Os participantes devem terminar os textos em casa e trazer no próximo encontro.

MEUS AMIGOS SÃO CULT

Rafael Jeronimo

Personagens

Edgar

Luiza

Há uma cama no palco e nela, estão Edgar e Luiza, eles estão fazendo sexo. Isso mesmo, sexo indecente, pecaminoso e oral. Infelizmente não podemos vê-los, apenas seus movimentos debaixo do cobertor. Luiza vai para mais baixo onde está o pau de Edgar para fazer sexo oral nele. Ele coloca sua cabeça para fora, a de cima, sua expressão facial demonstra o enorme prazer que o sexo oral de Luiza provoca em seu corpo. Algo acontece: Edgar em seus pensamentos mais distantes acha a solução para o final de sua peça que já está em andamento. A ideia vem como uma bala e Edgar não hesita, derruba Luiza ao sair correndo da cama para a escrivaninha que fica em seu escritório, ao lado do quarto - quase uma suíte eu diria. Podemos ver no palco essa divisão. Ele grita.

EDGAR

Mulher! Mulher! Meu deus do céu!

LUIZA

Mas que porra é essa, Edgar, me jogou da cama seu filho da puta!

(Edgar já na escrivaninha, concentrado e suado. Escreve rápido, letra de médico e nem aí. Louco. Exatamente como na vez em que cheirou pó com o Caetano. Sim, o Veloso. Teve a ideia de

um filme nunca lançado. Edgar grita de volta para a mulher.)

EDGAR

Calma aí meu amor!

(Edgar batendo as pernas, para e suspira um "Ah" de susto.)

EDGAR

(Falando consigo mesmo.) Não é isso!

(Luiza dá um berro no quarto. Berro de choro. E o pior: o berro de uma mulher que está no limite de 3 meses sem sexo. Sim. Edgar tem baixa testosterona devido ao estresse que, na verdade, é mais por causa do seus antidepressivos mesmo, mas os antidepressivos são por causa do estresse. Então dá na mesma. Edgar, ainda envolvido com seus pensamentos, grita de volta.)

EDGAR

Calma aí, Mulher! Mas que que isso, mulher! Tive a ideia mais brilhante aqui. Para de berrar! Oh meu deus, eu sou um gênio. Foda-se você Pedro! Pau no seu cu, eu consegui porra! Caralho!

(Extasiado, ele está escrevendo. Sua mulher devolve gritando, quase que parindo a própria voz.)

LUIZA

Na porra do sexo, Edgar! Na porra do sexo? Mas que inferno. Eu tava te chupando tão gostosinho, seu broxa do caralho!

(Luiza dá mais um de seus berros, desabando.)

EDGAR

TEXTOS PRODUZIDOS

Putaque pariu, mulher, eu acabei de fazer a nossa nova lua de mel, porra! Essa peça vai comprar o caribe, vagabunda. Vamos botar pra fuder.

(Edgar continua a escrever.)

EDGAR

(Dizendo a últimas palavras dessa peça brilhante.) ...Moreno finalmente se vingando do homem que estuprou sua mulher. Ele olha para o corpo esbaforido e...

(Luiza dá um berro mais alto, fazendo Edgar pular da cadeira.)

LUIZA

Edgar... Edgar...!

(Edgar se recompondo.)

EDGAR

Tá, Tá! Tá na mão.

(Ele larga o lápis na mesa, mexendo na cara.)

EDGAR

Luiza, meu amor, não chora! Ô, meu deus, Luiza...

(Ele vai se aproximando da mulher.)

EDGAR

(Colando as mãos em seu rosto.) Amor, esse foi o boquete que eu vou lembrar o resto das nossas vidas, juntinhos! Minha querida. Foi como a chupada nunca feita de Marilyn Monroe que faria o Presidente Kennedy mandar suas tropas para casa, longe da porra do Vietnã.

(Luiza olha em seus olhos e depois vira a cabeça.)

LUIZA

Ah Edgar, você nunca vai ser feliz comigo! Eu não sou seu tipo de mulher.

EDGAR

(Irritado) O que está dizendo?

(Ele olha para Luiza, ainda segurando seu rosto, esperando que ela responda alguma coisa que reverta isso.)

LUIZA

Você não tem o direito de se irritar. Tire as mãos de mim! Como ousa me empurrar da cama. Como ousa parar o meu boquete! Mas que porra, Edgar! A porra do exército americano nunca voltou pra casa e o presidente deles morreu! E quer saber!? É o que vai acontecer com o seu pau. Vai apodrecer! Porque eu vou fazer macumba pra que isso aconteça! Sou bruxa, Edgar! Sou bruxa! E você não me merece. Vou pra casa da minha mãe e de lá eu vou chupar o pau do Pedro.

(Edgar, ajoelha e começa a implorar.)

EDGAR

Pelo amor de deus mulher! Para de falar essas coisas, eu não quis te magoar.

(Ele começa a beijar suas pernas nuas. Ela o afasta com um chute, empurrando ele para o chão. Ela coloca seu vestido e calcinha. Pega sua bolsa e vai para porta. Olha para Edgar, que está patético.)

LUIZA

(Dando o dedo meio.) Vai a merda, Edgar!

(Luíza fecha a porta com toda força. Edgar, começa a chorar pateticamente.)

FIM.

UM CAMINHO PARA MARIPOSA

ANA CAROLINA MARTINES

Sinopse

Uma espiritualista charlatã, radialista da “estação planetária”, recebe uma carta anônima com o estranho remetente, um tal de “Sr. X”. A carta anuncia o despertar de um dom “paranormal” que a torna capaz de mudar o rumo das coisas.

Personagem

Elenice

CENA I

Dois focos de luz, um maior na boca de cena e outro menor no fundo do espaço. No primeiro se vê um estúdio de rádio decadente, ele é formado por um painel “em estilo isolamento acústico”, que cria a sensação de que o espaço é pequeno e apertado. Em frente a esse painel pode-se ver uma mesa, cadeira, fones de ouvido, microfone, uma pilha de cartas em envelopes brancos, uma luminária, um telefone, entre outros objetos que possam ser úteis em cena. No segundo foco, no fundo do espaço, se vê um rádio retro anos 80 em cima de uma mesinha. A cena começa no escuro, o rádio que está no segundo foco liga sozinho e ouve-se ruídos fora de frequência/ sintonia, a luz desse foco acende gradativamente enquanto o aparelho procura uma estação. Ouve-se trechos de músicas, comerciais e notícias da época. A frequência se estabiliza na vinheta da “estação planetária”. Nesse momento acende o foco no estúdio. Elenice, está sentada com fones de ouvido e em frente ao microfone preso a mesa. Ela apresenta o programa “O Caminho da Mari-

posa”. O programa está quase no fim. Ela fala de maneira enfática e as vezes exaltada ao som de “Watermark” Enya.

ELENICE

O que será o amanhã? Muita briga, tudo que é arcaico cai! Todas as pessoas, até as mais pacatas, vão querer mudar a vida. É só olha pra plutão! É uma loucura! Portanto, não pode esquecer, quem quer ter sucesso tem que vibrar alto! E tem que parar de viajar na paçoca, de se perder na maionese! Entendeu? Parar!

Boa noite gente querida que acompanha a programação da rádio planetária! E semana que vem eu volto com mais dicas de como alavancar a sua vida com ingrediente que você encontra fácil fácil na sua cozinha.

E pra você que tem uma história de paixão, presepada, pactuada e o escambau escreve pro nosso quadro “Resolve três dias”. Nele eu dou dicas privilegiadas e personalizadas de como descascar o pepino.

Está com dúvida? Vai de conselho! Porque conselho bom a gente paga ou vende!

(Entra o som de uma vinheta que divulga uma linha telefônica na qual os ouvintes pagam para receber conselhos e aprender simpatias, estilo Walter Mercado, “Ligue Dja”).

Luz em resistência, ouve-se o uivar do vento, Elenice tenciona o pescoço, um arrepio lhe sobe a espinha. Um envelope roxo aparece no chão, como se alguém tivesse o passado por debaixo da porta, ele é único envelope de cor diferente, o que o difere de todos os outros que estão em sua mesa.)

ELENICE

Beijos de luz!

(Ela se levanta, pega o envelope que tem como

remetente “Sr X”, corre até a porta na tentativa de encontrar quem o deixou, mas não vê ninguém, já não sabe se a carta caiu de sua mesa ou foi entregue naquele instante.

ELENICE

(Lendo o remetente.) “Sr X”.

(Ao abrir a carta o foco no rádio acende, a frequência se estabiliza e escuta-se o conteúdo da carta dito por outro radialista estilo Cid Moreira lendo versículos bíblicos.)

“Elenice, está chegada a hora de despertar do sono profundo. Ouça o som das trombetas, este é o tempo da nova consciência. Tudo que estava adormecido despertará. De ti será retirado os véus da terceira dimensão. A ti será dado o dom da clarividência. Ao ler essa mensagem tu aceita os desígnios de Cassandra e teu corpo humano convertesse-a em oráculo.

Está feito. Está feito. Está feito. Assim é. P.S: Não existe almoço grátis.”

ELENICE

(Rói as unhas, esfrega o rosto, caminha de um lado ao outro repetindo) “não existe almoço grátis? Que merda significa tudo isso?

(Em uma acesso de raiva ela amassa a carta e joga no lixo, mas o mesmo envelope reaparece em sua mesa. Ela o pega e rasga em mil pedacinhos e joga no ar. Nervosa, pega sua bolsa e tira de lá uma maço de cigarros, ao procurar o isqueiro encontra a mesma carta dentro da sua bolsa. Ela queima a carta, com o fogo acende seu cigarro e fuma encostada na mesa. Então, uma chuva de cartas roxas caem em sua cabeça.)

FIM.

A CRUZ REUMÁTICA

PEÇA CURTA E CRUEL (GENA 2)

Elias Pintanel

Personagens

Narrador

Bispo Euclides

NARRADOR

Voltei. Existem outras velhinhas atendidas. Mas vamos prosseguir a história. Vamos agora à cena que entra o Bispo. Uma cena que é um monólogo. Que é um complemento a história, embora não pareça em primeiro momento. Nossa peça aqui terá várias reviravoltas. Ou pelo menos duas. Três... Bom... Não fui eu que escrevi ela então... Seja o que Deus quiser...

CENA - “O BISPO EUCLIDES”

Bispo, com seus 90 anos de idade, entra no escritório do Padre Pablo. Vasculhas suas coisas. Vê as fotos com famosos na parede. Observa a pequena estatueta que é um busto de Padre Pablo. Ele conversa com a estatueta enquanto mexe nas coisas do Padre.

BISPO EUCLIDES

Quanto poder, hein, Padre Pablo. Que homem de justiça! De ímpeto aos desígnios de Deus! Tudo em nome da justiça divina! Lembro quando te ensinei o salmo 91, o 23, o 51: “Esconde a tua face dos meus pecados, e apaga todas as mi-

nhas iniquidades. Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova em mim um espírito reto.” Baboseiras para você! Nem a balança celestial da justiça o pega! O mal se paga com o mal, não é mesmo? Triste. Lamentável. *(Olhando caderno ata em cima da mesa.)* Olha só todos esses crimes registrados... *(Com espanto.)* Duzentos mil reais!! E eu não ganhei nada? *(Se recompõe. Se serve de vinho que tem no armário do fundo.)* Haja sangue para tanta cifra. Quer dizer, para aturar isso tudo. Vinho! Eu disse: haja vinho para aturar tudo isso. *(Falando com a estatueta.)* Você não vai me pagar, né? Não quer dar a minha fatia do céu? É isso? O cordeirinho de Deus se acha água benta, não é? Por obséquio! Que achas de um escândalo? De um sinal de Deus? *(Derruba nesse momento vinho na estatueta do Padre Pablo.)* O sangue de Jesus tem poder. Ele é sempre justo. No céu, na terra e aqui na Cohab 1. Você vai dar aquilo que é meu e merecer o que é seu. Viu só: Até rimou! *(Ri malicioso, mas se assusta quando o telefone toca. Ele hesita, mas atende.)* Sim, ele está no meio de nós, e aquele bobagem toda... Desembucha, Irmã Eliete! O que? Padre Pablo viajou a Vaticano para ser... Ele quer tomar o meu lugar? Não? Mais ainda? Mas quem o indicou? *(A parte.)* Esse coroa careca de batina suja já me deu como morto. *(Aao telefone.)* Irmã Eliete, pelos velhos tempos, preciso de sua ajuda... Não! Isso é segredo! Não é para falar sobre isso! O que acontece fora da batina, fica fora da batina, eu já disse! Escuta. É inverno lá no Vaticano, acredito que o Padre Pablo vai passar frio... Sim... Um chá poderia ajudar ele a ficar mais a vontade. Um chá que o ajudasse... digamos... a dormir melhor, sabe? Isso. Dez comprimido é ótimo! Nem nove, nem onze.... Nossa, me

lembrou uma peça de teatro isso... Nada, irmã! Que Stranger Things o que! Vai lá, logo... Isso! Deus te abençoe. *(Desliga o telefone. Vai até a estatueta de Padre Pablo e beija a sua testa. O Bispo sai de cena, deixando tudo no escuro, mas apenas uma luz fraquinha faz um foco no busto do Padre Pablo.)*

FIM DA SEGUNDA CENA.

TEXTOS
PRODUZIDOS

- ▶ Roda de leitura dos textos escritos em casa a partir do último encontro.
- ▶ Impressões e apontamentos sobre os textos.
- ▶ Iniciamos com a leitura de um trecho do livro “Para trás e para frente” de David Ball, que falava sobre imagem evocativa. A partir desse trecho conversamos sobre como isso se apresenta em diferentes peças teatrais e dentro dos textos dos próprios participantes da oficina.
- ▶ O encontro termina realizando um acordo de que os participantes terminassem os seus textos em casa e enviassem para os orientadores da oficina até a quarta-feira seguinte, para a leitura pública dos textos no dia 15 de Julho. Os textos deveriam ter no máximo 7 folhas.

EXERCÍCIO #3

- ▶ Cada pessoa da oficina recebeu uma folha em branco, para que desse uma volta no quarteirão anotando tudo o que visse e que achasse interessante. Criando assim uma lista de objetos e impressões.
- ▶ Após dez minutos voltamos para a sala de oficina e trocamos entre os participantes as listas criadas por cada um. A partir da nova lista recebida, cada participante escreveu uma cena, fossem elas a partir das cenas já criadas em outros encontros ou uma nova cena que surgisse em mente. O objetivo é era utilizar no texto o máximo de palavras ou frases contidas na lista. Os participantes tiveram 15 minutos para escrever suas cenas.
- ▶ Obs: exemplo de palavras que surgiram nas listas: cesta de lixo, poste que tudo sustenta, parede amarela, paralelepípedo rugoso, garrafa, carro vermelho, parede áspera, Rua Costa Leite, flores roxas, placa de pare, rolha esquecida em um cinzeiro, etc.

Compartilharmos e comentamos os escritos de cada participante.

JAMAIS MACIAS A SORVETERIA

Rafael Jeronimo

Personagens

Narrador

A peça consiste em uma narração poética que acompanha o personagem da história contada, que estará no palco, fazendo uma performance.

NARRADOR

Pedro sobe e desce todo o dia na emoção do perigo, barulho de metal é a sua sina, suas mãos são ásperas. Na parede de concreto chapiscado ele esfrega, por que? Porque odeia mãos macias, prefere elas como grandes sinais de linhas mal organizadas, já gastas e ásperas. Seu dever é ser como uma porta de correr, abre, fecha, só não é como poste, parado como um poste não! Ele se movimenta, subindo, descendo e suportando o que um poste suporta, o calor, suor e a porra do seu chefe. Pedro é pe-drei-ro, mas quando o chefe se manda, ele na verdade é artista! Levanta a massa cinza na parede como *Da vinci* faria, podemos até dizer que Pedro é uma espécie rara de “artista pedreiro das mãos ásperas, mãos essas que jamais serão macias, apenas é o signo do que é o trabalho desse artista da história que te conto.

FIM

Luan Oliveira da Silva

Personagens

Yuri

July

Filho

A cena começa na frente de uma sorveteria com uma placa azul bebê escrito “Fica Frio Ae”, uma porta amarela fechada, July e o filho entram em cena. A criança muito enérgica e a mãe morrendo de sono.

FILHO

Hhhhhmmmmmm sovete mamãe, eu amo sovete, todos os tipos, hhhmmm devia ter mais sabor de sorvete, eu amo carros, imagina sovete de carro com pneu de cobertura hhhmmm.

JULY

(Fumando.) Meu bem, eu sei que essa é sua sorveteria favorita, mas ela tá fechada anjo, então *(apaga o cigarro)* para de encher meu saco *(sorrindo)*

(Pausa)

FILHO

E-e agola mamãe?

JULY

Agora? Agora a gente espera, você não quis me acordar às 6h da manhã, “ai eu quero sovete mamãe”, não deu tempo nem de me arrumar, tô aqui com uma camisola de bolinha, e tu verde, sujo, catarrento, nós não saímos daqui sem

um sorvete... O que a gente não faz por amor né?!

(Pausa. Entra Yuri, o gerente da sorveteria, ele reconhece a moça e a criança, logo em seguida também é reconhecido.)

YURI

Vocês vieram cedo hoje, hein!? *(Risada forçada.)*

JULY

Ai, sabe como ele é apaixonado pelo seu sorvete!

YURI

Desculpa, vocês sempre vem aqui e eu nunca me apresentei, me chamo Yuri, vocês são...?

JULY

Eu sou a July, e ele é o... o... O meu filho.

YURI

(Abrindo a porta.) Olha, tá uma bagunça, mas se quiserem entrar para...

FILHO

Hhhhhmmm sovete hhhmmm.

(A criança entra correndo, em seguida todos entram. Há uma transição foda para dentro da sorveteria, onde a criança está brincando e com um picolé na mão. O gerente arruma o local enquanto conversa com July.)

(Risadas)

YURI

Mas me conta July, eu sempre vejo vocês dois aqui... Vêm mais do que alguns funcionários... *(Dá uma risada forçada que se transforma em tristeza.)* Você é casada?

JULY

Nada, sou mãe solteira, solteirassa, enclachada... solitária...

YURI

Sério? Não consigo acreditar com essa beleza. *(Risada forçada.)* E o pai da criança?

JULY

Aiai Yuri, queria saber quem é também! Ele é fruto de uma noite com muito álcool em uma festa de república, de quando eu estudava na faculdade aqui perto. Para você ver como uma noite... *(olha para os lados para ver se o filho tá perto)* uma noite pode estragar sua vida. *(Risada.)*

YURI

Olha, eu também estudei lá, há uns 5 ou 6 anos atrás... E você não sabe nada sobre o pai dele?

JULY

5 anos, é a idade do meu filho. *(Risada.)* Mas respondendo sua pergunta: era uma festa universitária. Não é exatamente um questionário, e mesmo se fosse, eu tava muito bêbada, lembro vagamente de um nome, desde então nunca mais o vi. Disseram que ele parou de ir em rolês e tudo mais. E você? Ia muito nesse tipo de festa?

YURI

As daqui eram punk, hein! *(Risada forçada.)* No começo eu ia em todas, mas um belo dia eu fiz uma bela cagada. E já sabe... depois disso parei de ir e mudei de vida. Aquelas coisas e tal... Sei que cê tava muito bêbada, mas não lembrou da camisinha?

JULY

(Ofendida.) Claro que lembrei! Eu era uma bêbada inconsequente, mas era uma bêbada inconsequente responsável! Acontece que assim que acabou o sé... O oba oba, nós nos deitamos e eu dormi de bêbada, quando acordei nem sabia onde estava. Era num quarto da Rep, ele já não estava comigo... Nunca soube se estourou a camisinha ou se ele só fingiu pôr. Evito pensar nisso porque não vai mudar o ocorrido. Quero acreditar que era uma pessoa boa que cometeu um erro...

(Pausa pensativa.)

JULY

Então, Yuri... E essa cagada que tu fez, você pode me contar ou se falar vai preso? *(Risada.)*

YURI

Olha, eu evito contar essa história, mas *(conotação sexual)* como tu se abriu pra mim July *(risada forçada)*, eu vou te dizer. Estava eu em uma dessas festas que estamos falando, completamente bêbado. Conheci uma garota, que até fui atrás depois mas só lembro vagamente de um nome. Nunca a achei... Nessa noite nós começamos a nos pegar, e foi esquentando, fomos para um quarto que tinha na Rep e, na hora do *(olha para ver se a criança tá perto)* do oba oba, ela me lembrou de pôr a camisinha. Até aí, tudo bem! Mas assim que acabamos nos deitamos e ela dormiu - devia tá mais bêbada que eu -, quando olhei para o meu pê... Pirulito e a camisinha tinha estourado, no susto a... acabei in...do embora e... E nunca mais vi ela...

JULY E YURI

Qual era o nome da pessoa da sua história?

YURI

Julya.

JULY

Yudi.

(Pausa tensa.)

JULY E YURI

Olha, por uma letra que não acho que você é /eu sou/ o pai da criança. *(Risadas forçadas.)*

FILHO

Mamãe, cabo sovete, vambora!

JULY

Claro filho! Tchau, Yuri.

FILHO

Tchau, titio!

YURI

Tchau, tchau!

(Mãe e filho saem de cena por um lado. Yuri fica um pouco pensativo sozinho, e logo após sai de cena pelo lado oposto.)

FIM

A CRUZ REUMÁTICA

PEÇA CURTA E CRUEL (CENA 3)

Elias Pintanel

Personagens

Narrador
Padre Pablo
Irmã Eliete

NARRADOR

Oi! Sou eu, o narrador! Acho que minha função de existir foi só no começo mesmo. Estou me sentindo meio que enchendo linguiça, sabe? Mas não foi eu que escrevi essa peça e nem foi eu que inventei essa história. Que tudo aqui é falso. Mentirinha pura! Inclusive eu e vocês somos de mentira! E que as ideias do texto não são ideias dos atores e atrizes que os interpretam. Nem mesmo do autor. Na verdade, o autor não sabe de nada do que está rolando aqui... Eu vi que os atores estavam improvisando o texto que teve uma hora que eles erram feio ali... O autor nem deve estar por aqui. Mas se estiver... Eita! Bom, menos mal, pensando bem. Ok, vamos seguir. Agora para a próxima cena com uma reviravolta daquelas. Vamos lá.

CENA - “NEM TUDO QUE BRILHA É OURO OU HÓSTIA”

Irmã Eliete está afiando uma faca de guerra, estilo Rambo. Está sentada em sua cadeira,

dentro do seu pequeno quarto. Atrás delas vemos flores roxas de plástico e uma imagem de Buda toda espelhada. Padre Pablo bate na porta e entra.

PADRE PABLO

Irmã Eliete, como estás?

IRMÃ ELIETE

Estudando.

PADRE PABLO

Sempre em trabalho. Afiando as ideias. Precisas de umas férias, irmã.

IRMÃ ELIETE

Eu vi um homem com cabelo cacheado correndo com uma câmera profissional na mão...

PADRE PABLO

Onde?

IRMÃ ELIETE

Na praça da igreja. Logo em frente.

PADRE PABLO

(Olhando uma rolha esquecida dentro de um cinzeiro em cima da mesa.) Parou de fumar, Irmã?

IRMÃ ELIETE

Estou me livrando dos vícios. *(Deixa a faca em cima da mesa e pega um facão sujo de sangue dentro de um saco de lixo.)* Me focando em coisas importantes.

PADRE PABLO

O homem entrou nos céus?

IRMÃ ELIETE

Digamos que o Bispo Euclides não terá mais provas contra o senhor.

PADRE PABLO

(Olhando-se no espelho franzindo a testa.)
Sabe que a dona Ana nos deixou mais um nome.

IRMÃ ELIETE

Esse falecido gostava de dar umas voltas, hein! Pena que morreu de maneira natural. *(Faz gesto de corte com o facão.)*

PADRE PABLO

Dona Ana achou mais uma amante.

IRMÃ ELIETE

Entendo.

PADRE PABLO

Ela passou o endereço. A casa é na Rua Costa Leite.

IRMÃ ELIETE

Aqui do lado?

PADRE PABLO

Muro baixo com tinta gasta.

IRMÃ ELIETE

(Surpresa.) Com um picho “22”?

PADRE PABLO

Paralelepípedo rugoso.

IRMÃ ELIETE

Não!

PADRE PABLO

Sim!

IRMÃ ELIETE

Mas isso...

PADRE PABLO

Paredão verde com faixas metálicas cintilantes.

IRMÃ ELIETE

Isso não bate, Padre. É a casa do Bispo Euclides.

PADRE PABLO

O Bispo Euclides parece ter mais segredos do que imaginávamos.

IRMÃ ELIETE

Você quer que eu investigue?

PADRE PABLO

Claro. Há algo de muito podre no reino dos céus. Ou embaixo daquela batina.

IRMÃ ELIETE

Vou checar o cesto de lixo dele.

PADRE PABLO

Ele recicla. Não vai estar lá.

IRMÃ ELIETE

Sempre achei estranho aquele Bispo. Todo arrumado. Andando com aquele carro vermelho esporte.

PADRE PABLO

Sempre pontual.

IRMÃ ELIETE

Justo.

PADRE PABLO

Exemplar.

IRMÃ ELIETE

Cordial.

PADRE PABLO

Culto.

IRMÃ ELIETE

Vacinado.

PADRE PABLO

Mas...

IRMÃ ELIETE

Travesti? É isso?

PADRE PABLO

Calma, você só pensa nisso, irmã? Não podemos assim tirar conclusões como essas.

IRMÃ ELIETE

Então... Ele é uma bichon... Desculpa. Mas como que Dona Ana descobriu?

PADRE PABLO

Parece que o falecido Antônio era ateu fervoroso e ela achou um crucifixo em suas gavetas...

IRMÃ ELIETE

Mas aí até eu...

PADRE PABLO

Calma. O crucifixo tinha junto um objeto peculiar. Um broche. Um broche de taturanas. Mas não qualquer taturanas. Eram taturanas...

IRMÃ ELIETE

Vermelhas?!

PADRE PABLO

Vermelhas!

IRMÃ ELIETE

Deus Pai!

PADRE PABLO

Sim, foi assim que eu soube que era do Bispo Euclides.

IRMÃ ELIETE

Como pode? A igreja toda fez a vaquinha para comprar esse broche a ele pelos 80 anos de idade e 60 de castidade.

PADRE PABLO

Precisamos rezar e investigar. Há algo de muito estranho nessa história. *(pegando um envelope dentro do bolso da batina)* Aqui está o dízimo de Dona Ana. Vai nos ajudar a investigar essa história.

IRMÃ ELIETE

Pela Dona Ana.

PADRE PABLO

Por Deus.

FIM.

NARRADOR

Acabamos gente. Não haverá outra cena. Inventem um final. Invente as consequências dessa história. Não temos muito tempo para continuar. Espero que tenham gostado. Agora preciso sair que a Irmã Eliete está me chamando. Sim, ela: a própria. Hoje serei o motorista dela. Vai haver uma função no tal Pátio 8 aqui da cidade. É um bairro afastado onde... Parece que os corpos lá descansam em paz. É isso. Fiquem bem! Cuidem-se!

FIM MESMO.

Ilustrações e diagramação | Illustrations and layout

Johnny Faustino

Publicado por | Published by

Associação Teatral Notívagos Burlescos

Este projeto foi aprovado pela Near Writer's Guild e fi nanciado pela Creatives DAO / Near Foundation.
is project was approved by Near Writer's Guild and funded by Creatives DAO / Near Foundation.

Licenciado sob Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4.0 Internacional
Licensed under Creative Commons Attribution-ShareAlike 4.0 International
(CC BY-SA 4.0)



